



Mestrado em Educação
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba

ISSN:1519-0919

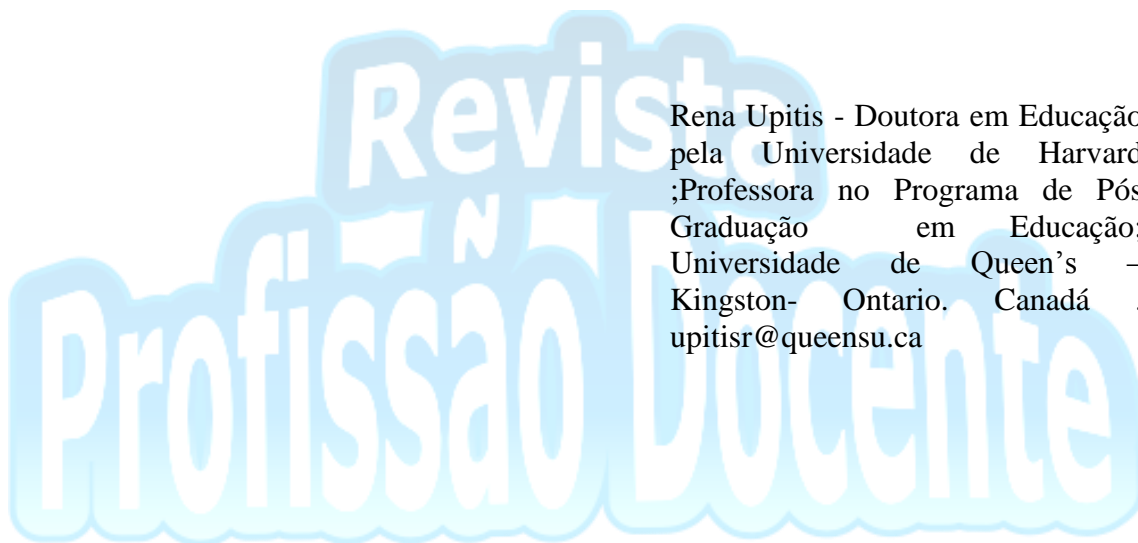
www.uniube.br/propep/mestrado/revista/



UNIUBE
Educação e Responsabilidade Social

AS ARTES PERDIDAS

THE LOST ARTS



Rena Uptis - Doutora em Educação
pela Universidade de Harvard
;Professora no Programa de Pós
Graduação em Educação;
Universidade de Queen's –
Kingston- Ontario, Canadá .
upitir@queensu.ca



Mestrado em Educação
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba

ISSN:1519-0919

www.uniube.br/propep/mestrado/revista/



UNIUBE
Educação e Responsabilidade Social

RESUMO

Esse artigo explora como os trabalhos manuais ou domésticos, em que as pessoas se envolvem com as mãos, contribuem para um senso de ritmo no dia-a-dia e traz balanço e alegria na qualidade de vida. Aborda a importância desses tipos de atividades – culinária, jardinagem, carpintaria- que enquanto são reconhecidas por filósofos e educadores ao redor do mundo, são contudo pouco presentes na educação e representam nenhum estudo fundamentado para os alunos que ensinamos. A educação Waldorf é citada como um dos exemplos de trabalhos manuais sendo parte integrante de um programa educacional. No artigo, o argumento é feito dizendo que fazendo artes manuais, um foco em ensinar faz conexões naturais com vários outros tópicos pertinentes – tecnologia, sustentabilidade, artes manuais, beleza, conhecimento corporal e espiritualidade, sendo que alguns deles são abordados na discussão.

Palavras-chave: Tecnologia. Sustentabilidade. Artes manuais. Espiritualidade. Educação

ABSTRACT

This paper explores how the manual or domestic work that people engage in with their hands contributes both to a sense of rhythm in daily life and brings balance and joy to one's quality of life. The importance of these types of activities—cooking, gardening, carpentry—while acknowledged by philosophers and educators the world over, are nevertheless rarely present in schooling, and certainly do not represent any foundational studies for the students we teach. In the paper, the argument is made that making the manual arts a focus of teaching makes natural connections to a host of other pertinent topics—technology, sustainability, craft-making, beauty, embodied knowledge, and spirituality, some of which are examined in the discussion.

Keywords: Technology. Sustainability. Craft-making. Spirituality. Education



Mestrado em Educação
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba

ISSN:1519-0919

www.uniube.br/propep/mestrado/revista/



UNIUBE
Educação e Responsabilidade Social

A arte comum que praticamos nas
nossas casas tem mais importância
para a alma do que sua
simplicidade pode sugerir.
Sir Thomas More (1478–1535)

INTRODUÇÃO

Há um grande número de reivindicações em jornais e revistas sobre o fato de que as gerações —baby boomer||¹ e —Gen X||² estão à busca de experiências de viagem que envolvem aprendizagem, esportes de aventura ou artesanato. A procura por satisfazer essas necessidades físicas e emocionais se percebe, em parte, no crescimento das vivências nos spas e acampamentos de verão para adultos. De acordo com a Associação Americana da Indústria Turística³ 30.200.000 adultos dizem ter tido uma viagem educacional para aprender ou melhorar uma habilidade, um esporte ou hobby , durante um período de 3 anos. Por que tantos adultos - pelo menos nos países Ocidentais – buscam estas experiências?

Em meados do século XIV, Henry David Thoreau (1854-1886) observou que a maioria das pessoas vive sua vida em um desespero silencioso. O mesmo pode se dizer dos anos iniciais do século XXI, um tempo marcado pelo frenesi, cansaço e um sentimento indeciso, como diz o professor do MIT, Alan Lightman. Professor Lightman (2003, p. 292) faz observações dolorosas e sentimentais sobre o ritmo da vida neste

¹ A expressão “baby boomer” é usada para os bebês nascidos logo após a segunda Guerra mundial , 1945-1955.

² expressão “Gen X” , é usada para a geração que veio na década seguinte a da Guerra Fria, caracterizada pela ausência de objetivos e sem credibilidade em uma sociedade melhor.

³American Travel Industry Association (n.d.)



Mestrado em Educação
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba
ISSN:1519-0919

www.uniube.br/propep/mestrado/revista/



UNIUBE
Educação e Responsabilidade Social

milênio. Comenta sobre o crescimento constante da tecnologia e o fato dos —espaços públicos – espaço das pessoas e relógios e comércio e prazos e telefones celular e correios eletrônicos - estarem ocupando mais e mais nossos espaços físicos e psíquicos||, (ibid., p. 292) uma tendência que veio se acentuando nas duas últimas décadas até chegar ao que ele denomina um grau perturbador. Lightman (ibid., p. 291-292) escreve:

Se realmente perdemos em alguma medida as qualidades da calma, se temos perdido o controle da recepção da informação, a experiência com o mundo real, o silêncio e a privacidade, o que exatamente perdemos... quando não nos permitimos mais —perder|| tempo? Quando eu nunca deixo minha mente voar livremente, sem atritos de projetos ou prazos, quando eu nunca deixo minha mente pensar no que ela quiser, quando eu nunca me desligo da correria e do empurra do mundo exterior – o que eu tenho perdido? Eu penso que perdi algo do meu interior... Quando eu escuto o meu interior , eu escuto a respiração do meu espírito. Essas respirações são tão pequeninas e delicadas, que eu preciso de tranquilidade para escutá-las. Eu necessito de vastos espaços de silêncio na minha mente.

Esse cansaço não se deve meramente à necessidade de viver em um mundo público, rápido, e sem fio (de ondas eletromagnéticas). É também uma questão de estar fisicamente desligado do mundo natural e distante de atividades manuais que nos conectam com nossas necessidades fundamentais de abrigo e sustento, companhia e beleza – as artes perdidas. Eu não sou a única pessoa que faz essa observação. Em um artigo recente no Boston Journal , Miguel Gómez-Ibáñez (2007) lamenta que:

A pressa e a preocupação que fazem parte do mundo de hoje quase não oferecem o tempo e a paciência para apreciar as histórias encontradas nas relações entre um objeto feito a mão, seu criador e aquele que o usa. Essas são histórias de paixão, lugar e raízes que nos conectam um com o outro... Nós as perdemos e para nossa grande desvantagem, perdemos a sabedoria que elas encarnam.

Muitos de nós em países desenvolvidos não só perdemos as habilidades associadas às atividades manuais, mas também a admiração e respeito aos trabalhos manuais. Tenho escutado muitas pessoas que se dizem educadas proclamando orgulhosamente que nunca cozinham ou fazem trabalhos domésticos (e provavelmente não sabem cozinhar ou limpar). Na verdade não sabemos mais como fiar e tecer



Mestrado em Educação
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba
ISSN:1519-0919

www.uniube.br/propep/mestrado/revista/



UNIUBE
Educação e Responsabilidade Social

,costurar roupas, cultivar plantações, fazer conservas, construir abrigos, ou decorar nossas casas com artefatos manuais. Que situação deturpada temos tecido para nós mesmos!

Enquanto esse tipo de trabalho é geralmente repetitivo e difícil, muitas vezes há prazer ao fazê-lo bem. Na verdade, a simples repetição de algumas tarefas associadas às artes domésticas é uma das coisas que as fazem importantes para o ritmo diário da vida. Como MacEachren (2005) observa, preparar e usar materiais associados aos trabalhos manuais (estão incluídos aqui muitos dos afazeres domésticos) muitas vezes requer movimentos repetitivos. Ela observa que esta repetição pode ser considerada tediosa, mas aponta que :

Ela também pode ser uma oportunidade de —suavizar|| o estado ocupado da mente e assim o subconsciente sente-se livre para divagar. Movimentos repetitivos oferecem, pelo ritmo do material tocado, uma maneira de informar ao corpo humano sobre a velocidade em que a vida deve ser levada (MACEACHREN, 2005, p. 28).

O filósofo e crítico de arquitetura Lewis Mumford (1946) afirmou que foi durante o Renascimento, quando a disciplina dos esforços que envolviam os afazeres manuais diários das atividades humanísticas e culturais foram corroídos com o pensamento de que pessoas educadas não trabalham com as mãos. Mumford observou que a falta de habilidade para trabalhar com as mãos tornou-se um ponto de orgulho entre as classes sociais educadas. Talvez o cansaço seja uma das muitas maneiras com que estamos pagando por termos nos distanciado dos trabalhos e das artes manuais.

2. As Artes Domésticas e a Docência

A perda das habilidades diretamente associadas à preservação e a sustentabilidade da vida humana estão também refletidas na docência contemporânea norte americana. Já se foram os tempos da Economia Doméstica (para meninas) e as



Mestrado em Educação
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba
ISSN:1519-0919

www.uniube.br/propep/mestrado/revista/



UNIUBE
Educação e Responsabilidade Social

Artes Industriais⁴ (para meninos). Assim como as belas artes e os espetáculos artísticos, as artes domésticas também sofreram os esforços da canalização das energias e finanças para as áreas chamadas de matemática, linguagens e ciências. E se as artes domésticas sobreviveram, elas mudaram sua natureza. Como Dube (2007) recentemente expôs, —Bem-vindos ao novo mundo da economia doméstica. Assar bolos e costurar fronhas estão fora; reduzir a obesidade infantil e desenvolver soluções para a pobreza, com base na realidade da comunidade local estão dentro.||

Cursos universitários de Economia Doméstica também desapareceram - ou reapareceram com novos nomes como —ecologia humana||⁵ ou —ciências da família e do consumidor ||⁶(DUBE, 2007; PENDERGAST, 200; SCHNEIDER, 2000; ROHAN, 2006; TRICKEY, 2001). Esses cursos universitários são ministrados por professores com conhecimentos de química, saúde pública, nutrição, história, planejamento facilitado e psicologia – e talvez economia doméstica (SCHNEIDER, 2000). A ênfase mudou de como fazer um molho branco cremoso para como fazer o melhor design para cadeiras de trabalho, estudar as relações entre câncer e alimentação, e encontrar maneiras de trocar articulações humanas por fibras biodegradáveis (SCHNEIDER, 2000). Como Schneider diz (ibid, p.18), —Eles estão analisando programas de saúde pública e ajudando a estabelecer parcerias de saúde comunitária. Eles não estão cozinhando nem limpando mais.||.

Assim, nos distanciamos do fazer e do agir nos cursos de economia doméstica que ainda restam, e caminhamos em direção ao estudo mais amplo dos impactos dos ambientes físicos, culturais, econômicos, sociais e estéticos que envolvem os seres

⁴ Em inglês —Industrial Arts||

⁵ Em inglês —human ecology||

⁶ Em inglês —family and consumer sciences”



Mestrado em Educação
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba

ISSN:1519-0919

www.uniube.br/propep/mestrado/revista/



UNIUBE
Educação e Responsabilidade Social

humanos desde seu nascimento até sua morte (SCHNEIDER, 2000). Enquanto a importância destes tópicos não está sendo discutida, será que ainda não há lugar para se aprender a cozinhar, construir, aprender a fazer utensílios com as próprias mãos? Estes intentos não são excludentes. Na verdade, a economia doméstica como disciplina ganhou importância durante os dias progressivistas do início do século XX. Seus primeiros líderes eram cientistas e sufragistas que enxergavam este campo como uma maneira de abrir possibilidades profissionais para mulheres, alcançando várias esferas sociais, políticas e culturais. Mas, estes primeiros programas também se preocupavam com o envolvimento com as artes domésticas (ROHAN, 2006; SCHNEIDER, 2000). Um desenvolvimento paralelo aconteceu nas artes industriais também: no início das artes industriais, colocava-se o foco no desenvolvimento da cidadania, além de focar o como se adquirir e produzir materiais brutos para a manufatura dos utensílios para uso humano (FOSTER, 1995).

Mais tarde, durante a Depressão e a Segunda Guerra Mundial, os economistas do lar recebiam orientação para ensinar as famílias como cultivar plantações (plantar jardins em prol da vitória) e como fazer conservas – ambas as ações direcionadas pragmática e socialmente, envolvendo as artes manuais diretamente. Foi durante os anos 50, socialmente conservadores, que os estereótipos atuais dos professores de economia doméstica e suas aulas se firmaram – estereótipos de professores de culinária vestindo aventais e fazendo suflês aerados ou professores de costura criando vestidos de coquetel de cor turquesa e bordados com lantejoulas. Estas são as imagens e práticas estigmatizadas que continuam a perseguir os economistas do lar ainda hoje.

Alguns dos maiores centros de ecologia humana – tal como em Cornell University – estão clamando pela volta das raízes progressivistas da disciplina, quando a economia doméstica era valorizada como meio de reforma social e para se oferecer às mulheres maneiras de entrar em áreas nas quais previamente não eram bem aceitas.



Mestrado em Educação
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba
ISSN:1519-0919

www.uniube.br/propep/mestrado/revista/



UNIUBE
Educação e Responsabilidade Social

Estes são objetivos nobres. Porém eu sugiro que não estamos no caminho certo ao direcionar todos os nossos esforços educacionais em pesquisa aplicada básica relacionada à ecologia humana. Com certeza há espaço para se desenvolver habilidades manuais bem como desenvolver programas para ajudar a combater a anorexia em adolescentes. Na verdade, Schneider (2000, p.20) observa ironicamente,

A Faculdade de Ecologia Humana (em Cornell University) iniciou o ano acadêmico com um churrasco, e a receita de —northern johnnycakes|| (um pãozinho de milho típico) de Martha Van Rensselaer (a fundadora da faculdade de economia doméstica em Cornell), foi o ponto alto do cardápio. Ninguém ficou constrangido pelo fato de que a fundadora fazia pão de milho... afinal de contas ela também aconselhou as sufragistas, lutou para melhorar a vida das esposas de fazendeiros, e foi nomeada uma das 12 grandes mulheres nos Estados Unidos pela Liga das Mulheres Eleitoras em 1923. Assim, o ponto de vista que defendo é o de que é possível fazer seu pão de milho e comê-lo também, ao se combinar um programa rico em artes domésticas, artesanato, e outras habilidades manuais, com as questões sociais e econômicas que os ecologistas humanos estão focando, com resultados surpreendentes.

3. RUMO A UM CONTEXTO GLOBAL: ARTESANATO, CUIDADOS E SUSTENTABILIDADE

Em um artigo de questões relacionadas a um evento da UNESCO, parece evidente que o contexto deve ser mais amplo do que a educação norte-americana e os programas de Economia Doméstica das universidades, ou as mazelas tecnológicas das sociedades ocidentais. Não coincidentemente, dois tópicos que recebem tanta atenção quanto as reclamações sobre os mundos tecnologicamente direcionados, são os relacionados à questão de ensinar focando a busca da consciência global (NODDINGS, 2005) e sustentabilidade (MACEACHREN, 2005).



Mestrado em Educação
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba

ISSN:1519-0919

www.uniube.br/propep/mestrado/revista/



UNIUBE
Educação e Responsabilidade Social

Estes tópicos estão intimamente ligados às artes perdidas. Na verdade, eu acredito que há ligações naturais entre as artes perdidas e uma multidão de outros tópicos pertinentes – por exemplo, tecnologia, sustentabilidade, artesanato, beleza, conhecimento corporal e espiritualidade, alguns dos quais eu examinarei no restante desta discussão.

MacEachren (2005) descreve a posição assumida por Ghandi com relação à beleza, natureza, artesanato e estética, da seguinte maneira: Ghandi enfatiza a conexão direta com a beleza do mundo ao invés de por intermédio de imagens mediadas... Sabia-se que Ghandi fazia uma retrospectiva na produção de produtos manufaturados até sua fonte original, a fim de desenvolver uma compreensão profunda dos processos que fazem parte dos pensamentos mais profundos das pessoas, a fim de determinar ações que apóiam mudança positiva social e ambiental (HOMER, 1956). Tal exame encoraja o questionamento com relação a se o produto final justifica a destruição inicial da natureza e se a maioria das pessoas são beneficiadas pelo processo de produção escolhido. Ghandi (1970, p.56) resume a forma em que —o intelecto encontra sua expressão na ação por intermédio do corpo|| e que —uma economia versátil|| se aprende ao fazer uma peça de artesanato (ibid, p. 96). Ele usava o artesanato como pivô central de suas idéias em educação. Ele encorajava a aprendizagem com base na observação da beleza derivada da participação na tecnologia que emprega e alimenta as massas: a tecelagem e a fabricação de sandálias (ibid, p. 23).

MacEachren provocativamente sugere que a questão significativa não é se usamos o termo arte ou artesanato ou tecnologia, porém como a função política ou moral subjacente, e algumas vezes escondida, influencia nossa compreensão da relação entre aquilo que é feito pelo homem e aquilo que faz parte do mundo natural. Com base nos trabalhos de Borgmann (1984), Evernden (1992) e Frankin (1990), ela pergunta:

Quando, na história da humanidade, tornou-se aceitável destruir o mundo mais-



Mestrado em Educação
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba

ISSN:1519-0919

www.uniube.br/propep/mestrado/revista/



UNIUBE
Educação e Responsabilidade Social

que-humano a fim de criar itens que satisfazem apenas os desejos estéticos da humanidade? Quando foi que deixamos de considerar o fato de que o mundo material que os seres humanos criam, se origina de um mundo vivo de competência finita? Onde, neste nosso exame crítico sobre a educação pela arte e tecnologia, abordamos a ética ambiental envolvida na criação de um item que tem apenas um propósito estético ou funcional? (MACEACHREN, 2005, p. 24).

MacEachren (ibid, p.27) afirma que o artesanato oferece um meio para se criar uma sociedade mais ecológica, pois tem o potencial de atender tanto ao processo como os produtos da criação. Ela observa que —Crucial ao processo é o envolvimento do artesão na coleta do material da terra, porque esta experiência oferece percepções alternativas àquela com relação à terra como uma comodidade.||. Ela ainda afirma que artesanato é tanto conhecimento prático sobre ecologia aplicada (WATTCHOW, 2001), como conhecimento demonstrado (DORMER, 1997), de uma forma personificada, porque —exige que tanto o corpo humano como o corpo da terra (ferramentas e materiais) estejam envolvidos no processo de confecção|| (p. 27). Desta forma, o artesanato envolve conscientização bio-regional. Como afirma MacEachren (2005, p. 27-28):

As colheres são mais ou menos parecidas em todo o mundo, mas diferem com relação ao material usado, pois, ao longo das gerações de tentativa e erro, a terra passou a informar aos artesãos sobre qual o melhor material a ser usado. Em áreas com árvores que mantinham uma forma curva, provavelmente a madeira era usada para se esculpir as colheres. Porém em outras regiões, a casca de um coco era fixada a um pedaço de pau, chifre ou até mesmo a casca de vidoeiro dobrada poderia ser escolhida... Experiências próprias de coleta da terra aumentam a consciência da dependência humana na generosidade da mesma, e oferecem uma conscientização dos limites envolvidos em extração sustentável.



MacEachren (ibid) conclui que enquanto os avanços tecnológicos continuarão a nos oferecer possibilidades de um número cada vez maior de itens, —a proliferação inquestionada destes itens não nos permite compreender a destruição da terra embutida em sua criação|| (ibid, p. 29). Ao oferecer aos estudantes experiências em artesanato, oferecemos uma pedagogia de produção sustentável e —confirmamos a necessidade do corpo de se conectar com a terra quando questionamos onde se fazem presentes tanto a beleza quanto a utilidade do artigo feito|| (ibid, p. 29).

A ênfase de MacEachren (2005) na questão da necessidade do corpo de se conectar com a terra, está ligada à idéia de que artesanato e as artes domésticas são tarefas inerentemente personificadas. Em outras palavras, fazer tortas, cortar a lenha, construir abrigos, e costurar, são tarefas altamente sinestésicas e envolvem um tipo de conhecimento que é inseparável do corpo (BRESLER, 2004). Esta idéia de conhecimento corporal também está ligada aos conceitos de Nel Noddings sobre cuidados, e mais recentemente, ao seu trabalho sobre consciência global (NODDINGS, 2005).

Noddings (1992) define cuidado de uma forma complexa – como se fosse uma série de círculos concêntricos, começando com o cuidado consigo próprio e os relacionamentos que se mais estima, passando para o cuidado com objetos animados e inanimados, idéias, e finalmente, pelo ecossistema do planeta (NODDINGS, 1992, 2005). Cada uma destas esferas é em si própria complexa, incorporando dimensões de cuidados físicos, emocionais, intelectuais, sociais, culturais estéticos e espirituais.

Enquanto Noddings deixa claro que cuidar de objetos feitos pelo ser humano não é a mesma coisa que cuidar de seres animados – já que não há impacto moral imediato ou óbvio em se cuidar dos primeiros - ela, no entanto, discute a questão de que o cuidado relacionado a objetos tem um profundo impacto tanto na vida humana como da não-humana. Noddings (ibid. p.139) afirma que: —quando somos descuidados com as



coisas ou nos tornamos obcecados com a simples aquisição em quantidade, usamos muito mais do que nossa quota dos recursos do mundo, portanto nosso comportamento com os objetos tem implicações morais||. Ela sugere que, à medida que os estudantes passam a examinar e usar objetos de forma cuidadosa – da forma em que Gradle (2007) fala de cuidado nos seus artigos sobre ecologia espiritual – são invariavelmente levados a examinar seus próprios estilos de vida.

De acordo com seu ponto de vista, por exemplo, os alunos devem saber o que um bom formão pode fazer, e o que acontece se um formão é usado para raspar uma tinta velha ou forçar a abertura da tampa de uma lata. Assim, o estudo dos objetos deve estar relacionado —a como devemos viver, às obrigações que sentimos como seres morais, ao nosso senso de beleza, ao nosso desejo de preservar o mundo natural|| (GRADLE p. 142).

Os escritos de Noddings com relação ao cuidado pelos objetos nos fazem lembrar a estudiosa bio-evolucionária Ellen Dissanayake (1992). Sua concepção sobre —fazer ser algo especial|| – quer dizer, uma importância e dignidade concedidas a ações diárias – também está relacionada com o cuidar dos objetos, artesanato, e artefatos. A idéia de —fazer ser algo especial|| é algo que Dissanayake sugere ser comum aos artistas, mas também pode ser desenvolvida todo o dia, pelas assim chamadas pessoas comuns. Ela escreve:

Quase todos os artistas com quem eu converso sabem o que quero dizer pela expressão —fazer ser algo especial||. É o que eles fazem com os materiais e idéias (ou tons, medidas, movimentos, palavras, tramas). Eu conheço artistas que parecem fazer com que tudo em suas vidas seja especial ou pensado, até mesmo a forma com que endereçam um envelope ou dispõem a comida em seu prato. Em algumas sociedades (lembro-me de Bali), pessoas comuns, fazem as coisas serem especiais o tempo todo (DISSANAYAKE, 2003, p. 10).

Estas idéias sobre fazer ser algo especial são centrais à educação Waldorf, que examinarei agora de forma mais detalhada.



Mestrado em Educação
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba

ISSN:1519-0919

www.uniube.br/propep/mestrado/revista/



UNIUBE
Educação e Responsabilidade Social

4. TRABALHOS MANUAIS NA EDUCAÇÃO WALDORF

Trabalhos manuais como parte integrante de um programa educacional é raro. Uma exceção notável é encontrada nas escolas Waldorf, em que um currículo de trabalhos manuais está presente em todas as séries. Os trabalhos manuais de Waldorf – tanto para garotos como para garotas – incluem tricô, crochê, costura à mão, carpintaria, bordado, trabalho com madeira, trabalho com feltro, artesanato com papel, e costura com máquina. Ao descrever o papel ocupado pelos trabalhos manuais no currículo Waldorf, Iannaccone (2007) apresenta o contexto de forma a repetir as palavras de Lightman, citadas anteriormente. Ela observa que:

avanços na microeletrônica, nos processos de informação e nas formas de comunicação estão trazendo consigo uma nova era, não apenas em tecnologia, mas também em todas as áreas da vida: arte e cultura, relacionamentos humanos e educação, economia e estilos de vida... O computador mudou radicalmente a forma como analisamos e utilizamos a informação, como agimos, e como interagimos. Até mesmo produtos relativamente simples como uma secretária eletrônica, o vídeo e o forno de micro-ondas alteraram nosso sentido de tempo, nossas expectativas, e nossas vidas diárias. Produtos mais sofisticados tais como telefones celulares, CDs, filmadoras portáteis e a fotografia digital, estão tendo e terão ainda mais impacto profundo sobre o que significa ser um ser humano.

Ao mesmo tempo em que ela salienta que há benefícios óbvios nestes avanços da tecnologia, ela adverte que também haverá conseqüências imprevisíveis. Ela faz um paralelo entre os avanços atuais da tecnologia e aqueles do século que se passou, salientando que vários dos pensadores do início do século XX – inclusive Rudolf Steiner, o fundador da educação Waldorf, como também John Ruskin e William Morris, líderes do Movimento de Artes e Artesanato - estavam preocupados sobre como tais invenções como a máquina de escrever, o automóvel, a fotografia e a luz elétrica afetariam as interações humanas. Ela comenta que estes pensadores temiam que: a produção em massa de artigos industrializados levaria à despersonalização, apatia, consumismo e outros males sociais. Não estavam errados. Nossa cultura dominada pela mídia, e orientada pela eletrônica está um passo mais adiante no mesmo caminho do



Mestrado em Educação
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba
ISSN:1519-0919

www.uniube.br/propep/mestrado/revista/



UNIUBE
Educação e Responsabilidade Social

progresso tecnológico, e sofremos dos mesmos males.

Acontece que o envolvimento de Steiner no debate sobre o efeito das máquinas e da produção em massa, juntamente com sua estética baseada em formas naturais e orgânicas influenciou diretamente o desenvolvimento do currículo Waldorf – inclusive o papel central dos trabalhos manuais na educação. De acordo com a estética de Steiner, cada criação artística deve capturar a vitalidade, a beleza e singularidade que os organismos vivos manifestam. As tigelas de madeira esculpidas à mão e os chapéus de tricô que comumente são encontrados nas salas de aula da escola Waldorf, demonstram esta sensibilidade. Iannaccone (2007) conclui que:

A importância dos trabalhos manuais no currículo Waldorf está relacionada à dicotomia entre o produto industrializado e o produto feito à mão. A mera imperfeição de trabalhos manuais é uma marca de dignidade e é testemunha das limitações que fazem do artesão – e por extensão de todos nós – um ser humano. Quando o aluno da primeira série faz um forrinho redondo de crochê... inevitavelmente haverá falhas mas correções e revisões são feitas. Estas fornecem lições em humildade – no sentido original da palavra – derivada do latim humus que significa —terra|. A experiência de falibilidade do aluno é uma experiência que envolve seu relacionamento com o resto da natureza. É este relacionamento, esta conexão, que Steiner e outros pensadores de sua época perceberam que a máquina alteraria.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: ARTES E ARTESANATO DE NOVO?

Talvez o que eu esteja exigindo aqui é outro Movimento de Artes e Artesanato – em referência àquele do final do século XIX e início do século XX, quando o movimento serviu como uma rebelião contra o que alguns percebiam como os males da Revolução Industrial (IANNACCONE, 2007; KAPLAN, 1999). Os líderes do movimento Artes e Artesanato enxergavam a Revolução Industrial como algo que —explorava os trabalhadores, arruinava a zona rural e produzia objetos mal feitos| (KAPLAN, 1999, p. 476). Como Kaplan (ibid) afirma:

Os proponentes do movimento estavam convencidos de que a mecanização tinha causado a degradação do trabalho, reduzindo os artesãos a trabalhadores anônimos, inconscientemente repetindo a mesma tarefa não-gratificante ao invés de controlar o processo criativo desde o desenho até sua execução. Os líderes do movimento



Mestrado em Educação
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba

ISSN:1519-0919

www.uniube.br/propep/mestrado/revista/



UNIUBE
Educação e Responsabilidade Social

acreditavam na supremacia da expressão individual, que poderia ser mais bem realizada através do vernáculo doméstico. (o *itálico* foi acrescentado). De maneira ideal, cada país estabeleceria um estilo nacional, com base em suas tradições rurais, clima e geografia. Os líderes do movimento estavam apaixonadamente convencidos de que as artes decorativas eram tão importantes quanto a pintura, escultura e arquitetura... Pensava-se que os males das cidades, a industrialização e o capitalismo, seriam revertidos por meio de uma integração com a natureza e a criação de uma sociedade mais igualitária. O objetivo era a unidade do trabalho manual com o esclarecimento espiritual, do trabalho com o lazer, da agricultura com o criar artesanato maravilhoso da liberalidade da terra, usando métodos tradicionais.

O movimento de Artes e Artesanato não vigorou por várias razões complexas – muitas econômicas, muitas sociais. Mas talvez esteja na hora de avaliar como seria o movimento de Artes e Artesanato no século XXI, talvez menos de rebelião contra as mazelas da Revolução do Conhecimento, e mais uma aceitação de coisas que fazem a vida valer a pena – conexão com nossos corpos, conexão com outras criaturas vivas, conexão com o planeta.

REFERÊNCIAS

American Travel Industry Association. **Travel statistics and trends**, 2007. Disponível em: <http://www.tia.org/Travel/traveltrends.asp> Acesso em: 14/08/2008.

BORGMANN, A. **Technology and the character of contemporary life**. Chicago: University of Chicago Press, 1984.

BRESLER, L. (Ed.). **Knowing bodies, moving minds: Towards embodied teaching and learning**. London: Kluwer Academic Publishers, 2004.

DISSANAYAKE, E.. **Homo aestheticus: Where art comes from and why**. Seattle: University of Washington Press, 1992.

DISSANAYAKE, E.. Retrospective on Homo aestheticus. **Journal of the Canadian Association of Curriculum Studies**, 1(2), 7–12, 2003.

GURGEL, C. Reforma do Estado e segurança pública. **Política e Administração**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p. 15-21, set. 1997.



Mestrado em Educação
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba

ISSN:1519-0919

www.uniube.br/propep/mestrado/revista/



UNIUBE
Educação e Responsabilidade Social

TOURINHO NETO, F. C. Dano ambiental. **Consulex**, Brasília, DF, ano 1, n. 1, p. 18-23, fev. 1997.

DORMER, P. . The language and practical philosophy of craft. In P. Greenhalgh, (Ed.), **The culture of craft** (pp. 20-52). New York: Manchester University Press, 1997.
DUBE, R.. Home Ed Grows Up. **The Globe and Mail**, 2007. Disponível em: <http://www.theglobeandmail.com/servlet/story/RTGAM.20070928.wlhomeec28/BNSStory/lifeHouseHome/home>. Acesso em 23/10/2007.

EVERNDEN, N.. **The social creation of nature**. Baltimore: The John Hopkins University Press.

FOSTER, P. J. Industrial Arts; **Technology Education as a Social Study: The original intent?** Disponível em: <<http://scholar.lib.vt.edu/ejournals/JTE/jue-v6n2/foster.jte-v6n2.html>>. Acesso em 23/10/2007. First appeared in Journal of Technology Education, 6(2), 1995.

FRANKLIN, U.. **The real world of technology**. Concord: House of Anansi Press, 1990.

GANDHI, M. K. . **My views on education**. New Delhi: Gandhi Peace Foundation, 1970.

GÓMEZ-IBÁÑEZ, M. . Whatever happened to craftsmanship? **Boston Business Journal**, 2007. Disponível em: <http://www.bizjournals.com/boston/stories/2007/08/27/editorial2.html> Acesso em: 23/10/, 2007.

GRADLE, S. . Spiritual ecology in art education: A re-vision of meaning. In L. Bresler (Ed.), **International handbook of research in arts education**. (pp. 1501–1516). New York: Springer, 2007.

HOMER, J. . The great sentinel. In J. Homer, (Ed.), **The Gandhi reader** (pp. 227–231). New York: Grove Press, 1956.

IANNACCONE, C. **History, humanity, and handwork**, 2007. Disponível em: <http://www.nelsonwaldorf.org/wp/2007/02/history-humanity-and-handwork/>. Acesso em: 31/10/2007, First appeared in *Renewal*, Fall/Winter, 2001.



Mestrado em Educação
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba
ISSN:1519-0919

www.uniube.br/propep/mestrado/revista/



UNIUBE
Educação e Responsabilidade Social

KAPLAN, W. . The simple life: The Arts and Crafts movement in Great Britain. **The Magazine Antiques**, 476–483, outubro 1, 1999.

LIGHTMAN, A. . The world is too much with me. In A. Lightman, D. Sarewitz, & C. Desser (Eds.), *Living with the genie: Essays on technology and the quest for human mastery* (pp. 287–303). Washington: Island Press, 2003.

MACEACHREN, Z.. Examining art and technology: Determining why craft-making is fundamental to outdoor education. **Australian Journal of Outdoor Education**, 9, 23–30, 2005.

MUMFORD, L. . Values for survival: **Essays, addresses, and letters on politics and education**. New York: Harcourt, Brace, and Company, 1946.

NODDINGS, N.. The challenge to care in schools: An alternative approach to education. New York: Teachers College Press, 1992.

NODDINGS, N.. (Ed.). **Educating citizens for global awareness**. New York: Teachers College Press, 2005.

PENDERGAST, D. . The future of home economics. *Echo: Journal of the Victorian Home Economics and Textiles Teachers Association*, 39(2), 2–9, 2000.

ROHAN, L.. A material pedagogy: Lessons from early-twentieth-century domestic arts curricula. **Pedagogy: Critical Approaches to Teaching Literature, Language, Composition, and Culture**, 6, 79–101, 2006.

SCHNEIDER, A.. It's not your mother's home economics. **Chronicle of Higher Education**, 47(7), 18–20, 2000.

THOREAU, H. D. . **Walden**. London: W. Scott Ltd, 1886/1854.

TRICKEY, H. (2001). Classroom evolution: **home economics comes of age**. 2001.
Disponível em

<http://www.cnn.com/SPECIALS/2001/schools/stories/homeec.revolution.html> Acesso em: 23/10/2007.

WATTCHOW, B.. A pedagogy of production: Craft, technology and outdoor education. **Australian Journal of Outdoor Education**, 5(2), 19–27, 2001.



Mestrado em Educação
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba
ISSN:1519-0919

www.uniube.br/propep/mestrado/revista/



UNIUBE
Educação e Responsabilidade Social

Rena Uptis

Doutora em Educação pela Universidade de Harvard, professora e pesquisadora nos cursos de graduação e pós graduação em Educação na Universidade de Queen's, no Canadá. Terminou recentemente um mandato de seis anos como Pesquisadora Co-Diretora do projeto Aprendizagem Através da Arte, trazendo artistas para as salas de aula com o envolvimento de mais de 160.000 alunos. Seus projetos de pesquisa são financiados por órgãos federais do Canadá como o *Social Sciences and Humanities Research Council (SSHRC)* e *Natural Sciences and Engineering Research Council of Canada (NSERC)*, bem como fundações e indústrias. Suas pesquisas exploram a transformação do professor, do artista e dos estudantes através da arte, e o uso de jogos eletrônicos em Educação Matemática. Atualmente está pesquisando como a arquitetura da escola pode tanto constranger como abrir possibilidades para as aprendizagens. É diretora fundadora do Wintergreen Studios e foi diretora da faculdade de Educação da Universidade de Queen's (1995-2000). Suas pesquisas tem sido reconhecidas com vários prêmios, como o *George C. Metcalf Research Award (2002)* e *Canadian Association for Curriculum Studies Publication Award (2005)*.

Endereço eletrônico: rena.uptis@queensu.ca

Artigo recebido em novembro/2009
Aceito para publicação em janeiro/2010